

**Educação, formação de professores e universidade: Brasil e suas propostas**

*Education, teacher training and university: Brazil and its proposals*

Renan Antônio Silva  
**Universidade Federal do Ceará (UFC)**  
Fortaleza-Brasil

Maria Cecília de Souza Minayo  
**Fundação Oswaldo Cruz (FOC)**  
Rio de Janeiro-Brasil

Felipe Freitas de Araújo Alves  
**Universidade Federal do Amazonas (UFAM)**  
Manaus-Brasil

**Resumo**

Este artigo tem como objetivo analisar uma narrativa autobiográfica e suas contribuições no contexto da pesquisa e da formação de professores no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará – UECE. A narrativa de formação tem sido reconhecida na área educacional como uma importante ferramenta da metodologia de investigação e um recurso fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional de professores. Sua utilização e socialização permite a construção da identidade docente e promove mudanças significativas nas práticas pedagógicas da escola. Para isso, o texto apresenta uma abordagem teórico metodológica apoiada nas narrativas como método e conta com um referencial teórico para a sua fundamentação e enriquecimento, contemplando a visão de alguns autores, dentre eles: Clandinin e Connelly (2011), Dewey (2000), Elbaz (1990), Larrosa (1998), Souza (2004), Schön (1998) e Da Silva, et al (2021). Os resultados apontam que a construção de narrativas, sua leitura, análise e discussão em contextos de formação inicial e continuada, corroboram no desenvolvimento de potencialidades pessoais e profissionais, colaborando com a construção de uma prática docente crítica e reflexiva.

**Palavras-chave:** Narrativas; Formação de professores; Desenvolvimento profissional.

**Abstract**

This article aims to analyze an autobiographical narrative and its contributions in the context of research and teacher training within the scope of the Postgraduate Program in Public Policy at the State University of Ceará - UECE. The training narrative has been recognized in the educational field as an important tool in research methodology and a fundamental resource for the personal and professional development of teachers. Its use and sharing allows the construction of the teaching identity and promotes significant changes in the school's pedagogical practices. For this, the text presents a theoretical methodological approach supported by narratives as a method and has a theoretical framework for its foundation and enrichment, contemplating the vision of some authors, among them: Clandinin and Connelly (2011), Dewey (2000), Elbaz (1990), Larrosa (1998), Souza (2004), Schön (1998) and Da Silva, et al (2021). The results indicate that the construction of narratives, their reading, analysis and discussion in contexts of initial and continuing education, corroborate the development of personal and professional potential, collaborating with the construction of a critical and reflective teaching practice.

**Keywords:** Narratives; Teacher training; Professional development.

## **Introdução**

O presente estudo resulta de debates desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará - UECE, cujo objetivo é refletir sobre as contribuições da narrativa no contexto da pesquisa e da formação de professores. Nas últimas décadas passou-se a reconhecer no campo educacional, a importância das narrativas como uma ferramenta da metodologia de investigação, da mesma maneira que um recurso fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional de professores.

Para o desenvolvimento desta investigação, busca-se fundamentação em diversos autores que discutem a narrativa no contexto da pesquisa educacional. Destacam-se, dentre outros: Clandinin e Connelly (2011), Dewey (2000), Elbaz (1990), Larrosa (1998), Souza (2004), Schön (1998), Telles (2012), Da Silva et al (2021).

Primeiramente, a título de contextualização este artigo está estruturado em quatro partes: a primeira foca a introdução, contextualizando o estudo, a segunda parte se refere a narrativa no contexto de formação de professores, a terceira parte apresenta uma análise de uma narrativa autobiográfica e a quarta trata das considerações finais acerca do estudo.

### **A narrativa no âmbito de uma metodologia de pesquisa e de formação de professores**

A escrita de narrativas para os professores no início da sua carreira enquanto docentes é uma ferramenta valiosa para potencializar o processo de reflexão sobre o ofício de construir conhecimentos, permite aos seus autores compreender as causas e consequências de suas ações ou de acontecimentos e, se for necessário, (re)elaborar novas estratégias a partir desse processo de reflexão, ação e nova reflexão. Conforme salienta Schön (1998), a reflexão deve permear o processo de ensino aprendizagem antes, durante e depois das ações realizadas em sala de aula, pois o professor deve se permitir compreender e enfrentar os desafios diários de sua prática com o objetivo de contribuir com as constantes mudanças sociais que demandam a formação de profissionais reflexivos.

O desenvolvimento profissional do professor, compreendido como um processo de reflexão e criticidade sobre a sua prática educativa, é fomentado por meio da escrita na qual concebe a (re)elaboração e (re)significação do pensamento pela construção do ato de escrever que possibilita um (re)direcionamento mais aprimorado das ideias do que através da oralidade.

Ao considerar a narrativa como uma forma de aprendizagem que viabiliza o pensar sobre a prática e experiência docente, faz-se necessário conceber o autor numa posição de

destaque ao qual pertence, tornando-o um sujeito mais consciente enquanto ser psicossomático, social, político e cultural. Ele se torna sujeito quando é capaz de intervir no seu processo de aprendizagem e de formação para favorecer e para o orientar. (JOSSO, 1988, apud FREITAS; GHEDIN, 2015, p.120).

O professor enquanto aprendiz e protagonista, deve valer-se das narrativas como um instrumento de reflexão e ação, tornando essa ação mais consistente e prevenindo que alguns erros ou equívocos perpetuem-se em sua prática docente (DA SILVA, DEMO e MINAYO, 2021, p.37). A escrita de narrativas abre espaços e oportuniza às professoras em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido. “A construção da narração inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo, que não é linear, mas num tempo da consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo”. (SOUZA, 2008, p. 69).

A pesquisa narrativa pode ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana. Refere-se a um estudo de histórias vividas e contadas, pois “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18). Segundo os autores, que decorrem seu trabalho de pesquisa narrativa como método de estudo, o papel do pesquisador é interpretar os textos e, a partir deles, criar um texto. Nesse sentido, os dados obtidos na pesquisa podem ser coletados de forma oral e/ou escrita, cabendo ao pesquisador decidir qual delas de adequa melhor ao perfil de seu estudo.

O objeto de estudo da pesquisa narrativa são as histórias narradas. Dessa forma, as pessoas precisam ser entendidas como indivíduos, que estão sempre em interação e sempre inseridas em um contexto social.

Nesse contexto supracitado, a experiência é um fator importante para pesquisa narrativa. Dewey, citado por Clandinin e Connelly (2011), transforma o termo experiência em termo de pesquisa. Para os autores, a experiência é pessoal e social, pois tanto o pessoal como o social estão sempre presentes. Nesse sentido, a experiência se desenvolve a partir de outras experiências e essas experiências levam a outras. Dessa forma, Dewey entende que um critério da experiência é a continuidade, ou seja, há sempre uma história envolvida, que

está sempre mudando. “Experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.49).

De acordo com Souza (2004; 2006a), o uso da Pesquisa Narrativa em Educação coloca em evidência as representações e experiências educativas dos sujeitos e contribui para entender os diferentes mecanismos e processos históricos relacionados ao processo educacional em diferentes contextos e épocas. Dessa forma, ela permite revelar a dimensão subjetiva das representações dos professores sobre sua identidade profissional, as fases da vida, e a compreensão dos sujeitos, sentidos e ações do contexto escolar.

A utilização das narrativas no contexto escolar, contribui para uma reflexão dos sujeitos envolvidos nesse cenário. Portanto, expressar a subjetividade em forma de narrativa, ou seja, compartilhar histórias de vida “permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo, entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele” (MORAES, 2000, p. 81).

### **A narrativa e a prática docente**

Segundo Silva *et. al.* (2021), as narrativas são defendidas por muitos autores como um elemento importante na história da humanidade e, portanto, devem ser consideradas dentro dos seus respectivos contextos sociais, econômicos, políticos, históricos e educativos. Evidencia-se que as práticas narrativas são constituídas de vivências e experiências, adquiridas e construídas ao longo da história de vida do ser humano, que solidificam e se estabelecem em imagens que são retomadas em situações cotidianas.

Quando se fala em narrativa, é preciso esclarecer o seu significado. De acordo com Stephens (1992), esta constitui-se a partir da imbricação de três componentes: História – abrange as personagens envolvidas em determinados acontecimentos, num espaço e tempo determinados e possibilita uma primeira interpretação do que é contado; Discurso – forma específica como qualquer história é apresentada; Significação – uma interpretação de segundo nível que o ouvinte/leitor/espectador obtém a partir do inter-relacionamento da história e do respectivo discurso.

Connelly e Clandinin (1990) estabelecem uma diferença entre narrativa e história. O fenômeno constitui a história, enquanto o método que a investiga e a descreve se concretiza numa narrativa. Assim, para os autores, a narrativa é o estudo das diferentes maneiras como os seres humanos experienciam o mundo. Pode dizer-se que as pessoas têm histórias e contam histórias das suas vidas, enquanto o investigador que utiliza o método da narrativa as

descreve e faz construção e reconstrução das histórias pessoais e sociais, de acordo com um modelo interpretativo dos acontecimentos (CARTER, 1993).

Elbaz (1990) enumera seis razões para considerar a narrativa um bom método de tornar públicas as vozes dos professores: as histórias revelam conhecimento tácito, importante para ser compreendido; têm lugar num contexto significativo; apelam à tradição de contar histórias, o que dá uma estrutura à expressão; geralmente está envolvida uma lição moral a ser aprendida; podem dar voz ao criticismo de um modo social aceitável; refletem a não separação entre pensamento e ação no ato de contar, no diálogo entre narrador e audiência. Para Chapman (1992), o professor é a história, uma história particular em termos de passado, presente e de experiências antecipadas. Neste contexto, os professores não só trazem para a escola uma história pessoal que dá sentido às suas ações, mas também vivem nela uma história que os ajuda a dar sentido ao mundo. O modo como organizam a aula e interagem com os alunos pode ser visto como o construir e reconstruir a história da sua experiência pessoal. As explicações contêm crenças e valores, assim como ações de referência, e no método narrativo os assuntos são contextualizados em termos de acontecimentos que são analisados, mais tarde, de uma forma pessoal, dando aos acontecimentos um significado situacional. As histórias “lembram-nos que estamos no negócio do ensino, da aprendizagem e da investigação para melhorar a condição humana” (WITHRELL; NODDINGS, 1991, p. 280).

Para Bruner (2002, p. 46), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores” e acrescenta, mais à frente que “ela pode ser “real” ou “imaginária” sem perder seu poder como história”.

Para Labov e Waletzky (1967, p.21-22), que trabalharam com narrativas orais, a narrativa de experiência pessoal é “um método de recapitulação de experiências passadas combinando uma sequência verbal de orações com a sequência de eventos realmente acontecidos”. Em um trabalho seguinte, Labov (1997) define narrativa de uma experiência pessoal, como “o relato de uma sequência de eventos que entraram para a biografia do falante por meio de uma sequência de orações que correspondem à ordem dos eventos originais”.

### *Educação, formação de professores e universidade: Brasil e suas propostas*

Em um contexto crítico e reflexivo do ambiente escolar, as narrativas apresentam-se como um modo de instigar a reflexão, objeto da formação de professores, e esta pode contribuir para os sujeitos em formação superarem o obstáculo segundo Demartini (2008, p.47), de transformar a própria experiência em conhecimento. Refletir conduz o sujeito em formação a descobrir que já possui conhecimentos e competências, “[...] parte importante da competência profissional dos professores tem raízes em sua história de vida” (TARDIF, 2014, p.69).

As narrativas têm sido utilizadas: a) na construção de conhecimentos e no desenvolvimento de capacidades e atitudes; b) no desenvolvimento pessoal e profissional de professores, e c) na investigação educativa (CLANDININ; CONNELLY, 1991; EGAN 1986; GALVAO, 2005; PRESKILL; JACOBVITZ, 2001; ROLDÃO, 1995).

Ao refletir sobre sua trajetória de formação e saberes adquiridos, o professor compreende o quanto sua história reflete na sua escolha profissional e no modo de compreender a sua profissão. O contar de si próprio por meio de narrativas possibilita o contato com sua “singularidade” e um “mergulho na interioridade que traz a reflexão sobre sua identidade (SOUZA, 2008).

A produção de narrativas (orais ou escritas) sobre a experiência pedagógica constitui para o professor, um forte processo de desenvolvimento pessoal e profissional ao fomentar, entre outros aspectos, o questionamento e a reflexão das suas competências e ações, a tomada de consciência do que já sabe e do que precisa aprender, o desejo de mudança, e o estabelecimento de compromissos e a definição de metas a atingir.

De acordo com Tardif (2008, p.11), o saber dos professores está relacionado consigo como pessoa, “com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola”. Verifica-se que as práticas formativas utilizando as narrativas além de fornecer inúmeras contribuições para a compreensão dos mecanismos envolvidos na aprendizagem da docência, também fornecem subsídios para a melhora das práticas pedagógicas na direção dos objetivos almejados pelo grupo.

Ao socializar essas narrativas formadoras, outros professores podem ler, analisar e discutir, atribuindo-lhes um sentido e apropriando-se do seu conteúdo de uma forma demasiadamente particular (através de suas vivências e experiências), retirando dessas histórias os aspectos que consideram mais significativos e capazes de contribuir com a sua

prática profissional. As narrativas, apesar do distanciamento de quem as lê e analisa, permitem a aproximação dos leitores por um dispositivo de identificação com as situações descritas.

Apresenta-se abaixo uma narrativa autobiográfica da professora Aline compartilhada oralmente a um grupo de acadêmicos de uma instituição de nível superior e que suscitou inúmeras discussões e reflexões sobre sua experiência relatada.

*O ano era 2013, se não me engano, na cidade de Birigui, mais conhecida como “Cidade Pérola”. Era meu segundo ano de trabalho, ou seja, o “chão” da escola ainda era um pouco desconhecido para mim. Naquele início de tarde, a secretária escolar me avisou que eu teria um aluno e que havia vindo de São Paulo. Recebi a notícia um pouco chateada, pois já estávamos na metade do ano e eu na minha concepção tradicionalista, já tinha “consertado” toda a turma. Confesso que em poucos segundos, me surgiram vários pensamentos preconceituosos: como assim eu me questionava, um aluno da capital vindo para o interior, qual seria o motivo, deve ser terrível, imagina, vindo de uma cidade grande, naquela época “boa coisa” não era. Enfim, bateu o sinal da entrada e lá fui eu carregada com minha bolsa enorme e pesada, cheia de livros e conhecimento para repassar para a turma. Quando cheguei a minha fila os alunos já correram para me contar a novidade: - Prô, temos um aluno novo na turma! Desanimada eu respondi: - Eu já sei. Voltei meus olhos naquele instante para o final da fila e vi o “tal aluno novo” de São Paulo, negro, com suas vestes simples e com uma bolsa também enorme, assim como a minha. Enfim, minhas mãos gelaram e só conseguia reproduzir o pensamento: aluno da capital, negro, morador de favela, vai “estragar” a minha turma. Deixei que todos os alunos entrassem e literalmente “barrei” o menino na porta, naquela hora senti que deveria fazer o trabalho de um policial, ou seja, levantar os antecedentes do meliante. Então carregada dos meus preconceitos e no fundinho com um pouco de raiva da minha má sorte, confesso, fiz inúmeros questionamentos ao aluno: se já sabia ler e escrever, se o pai e a mãe eram casados, se morava em favela, falava palavrões, era da igreja, etc. Eu pensava ser minha “função” fazer um levantamento prévio para escolher um “melhor lugar” para o aluno se sentar, afinal eu não queria “estragar a turma” e precisava manter o bom rendimento dos demais alunos. O interessante naquele momento, era que o menino me respondia calmamente aos questionamentos e sem titubear. Às vezes, eu ficava com um pouco de dó dele, mas afinal, eu precisava pensar na turma, pois eu também era uma professora nova na escola e precisava “mostrar serviço”. Ao final do dia, o aluno foi embora e minha saudosa diretora na época, me relatou que o meu tal aluno novo de São Paulo, cujo nome é Rafael, havia entrado espontaneamente em sua sala para apresentar-se. O tempo foi passando e comecei a ver o Rafael com os olhos do coração, era uma criança muito amorosa, sensível e com uma oralidade impecável para sua idade. Até o final do ano conheci a sua mãe em uma reunião e que me contou da sua origem simples e do ensinamento cristão que dava ao filho. Comigo Rafael ficou por 3 anos e foi um aluno sempre gentil, prestativo, inteligente e que amava ler, e eu já ia me esquecendo, aquela bolsa pesada que carregava no primeiro dia de aula, era a*

## *Educação, formação de professores e universidade: Brasil e suas propostas*

*sua bíblia que lia no recreio, ou na sala quando sobrava um tempinho. Por isso, optei espontaneamente em transformar essa narrativa oral em um texto escrito para compartilhar com vocês, parceiros acadêmicos, que é possível sim, repensar e mudar crenças e julgamentos. Infelizmente é um relato vergonhoso, mas ao tempo reflexivo e autocrítico e confesso que continuo até hoje batalhando em busca de romper com meus preconceitos e julgamentos enquanto profissional e também pessoal, entretanto acredito que já dei o pontapé inicial, por isso a escrita dessa narrativa.*<sup>1</sup>

Ao final da leitura os demais discentes foram convidados a tecer suas considerações acerca do que havia sido exposto pela professora Aline.

De acordo com o discente Antônio, que também é professor de uma unidade estadual, é possível relacionar a fala exposta a sua própria experiência pedagógica, “Trabalhando com projetos na escola, é interessante perceber que alunos que têm dificuldades de relacionamento em sala de aula e até de aprendizagem, acabam se destacando e assumindo o papel de protagonistas nos projetos”.

Complementando o exposto, a professora Aline compartilhou que a partir da experiência relatada teve uma profunda reflexão autocrítica em relação a sua concepção e abordagem de ensino aprendizagem:

*Quando eu passei a refletir sobre a minha prática e a realizar uma abordagem mais dialógica em sala, meus alunos eram considerados uma “ótima turma” pelos demais professores da unidade escolar, e às vezes, no ano seguinte se transformavam negativamente quando outra professora apresentava uma postura mais tradicionalista e menos dialógica em sala. Isso me fez refletir sobre a importância em permanecer com uma abordagem dando “voz e protagonismo” aos alunos em sala (informação verbal).*<sup>2</sup>

Compreende-se então, que as narrativas de professores experientes constituem uma fonte poderosa de inspiração e conhecimento, capaz de estimular os professores-leitores a refletirem profundamente sobre as suas vidas e a sua profissão (PRESKILL; JACOBVITZ, 2001). Consoante com essa afirmação, a professora A relatou aos demais parceiros acadêmicos, um evento ocorrido em um dia de aula e como aquela situação provocou uma reflexão e quiçá mudou a sua prática pedagógica; elaborou assim, uma narrativa não só marcada por um relato de experiência particular, mas também, de acordo com ela, impregnada por julgamentos preconceituosos e juízos de valor, que outrora marcavam a sua prática educativa.

Por meio da utilização de narrativas em contextos de formação inicial e contínua, discute-se sobre importantes questões que levam os professores a (re)examinarem as suas



perspectivas acerca do ensino e da aprendizagem e de suas próprias ações. Muitas narrativas, assim como as expostas, evidenciam, de forma inspiradora, como professores e alunos aprendem uns com os outros em diferentes situações e contextos; e como os impactos de determinadas experiências na escola são fontes imensuráveis de aprendizado, reflexão e com um grande impacto profissional na prática docente. A análise destas narrativas funciona como um catalisador de reflexão e de mudança do professor, decisivo, por exemplo, no estabelecimento de orientações para a concepção e realização de novas experiências de aprendizagem (REIS, 2004, 2008).

A escola, torna-se então, um palco de muitas histórias vividas e as narrativas desses fatos ampliam a compreensão das interações significativas entre professores, alunos e demais funcionários que ali trabalham. Segundo Galvão (1988), a análise da potencialidade das narrativas para investigar o conhecimento profissional de professores exige que olhemos para o todo. Por esse motivo, faz-se necessário procurar as diferentes dimensões dessa formação desde os sistemas de crenças, anteriores à prática e o confronto com a realidade vivenciada na prática desse profissional.

Ao narrar por meio da escrita reflexiva suas experiências aos demais parceiros acadêmicos, a professora Aline foi capaz de aprender e também ensinar: organizou suas ideias, escreveu sua narrativa, sistematizou suas experiências, deu sentido a elas, e, portanto, conquistou novas aprendizagens para si, através da reflexão, ação e nova reflexão. Dessa forma, os demais ouvintes, diante da narrativa e dos saberes da professora A, puderam (re)significar seus próprios saberes e experiências. Para Reis (2008)

Os professores, quando contam histórias sobre algum acontecimento do seu percurso profissional, fazem algo mais do que registrar esse acontecimento; acabam por alterar formas de pensar e de agir, sentir motivação para modificar as suas práticas e manter uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional. Através da construção de narrativas os professores reconstróem as suas próprias experiências de ensino e aprendizagem e os seus percursos de formação. Desta forma, explicitam os conhecimentos pedagógicos construídos através das suas experiências, permitindo a sua análise, discussão e eventual reformulação. A redação de relatos sobre as suas experiências pedagógicas constitui, por si só, um forte processo de desenvolvimento pessoal e profissional ao desencadear, entre outros aspectos: a) o questionamento das suas competências e das suas ações; b) a tomada de consciência do que sabem e do que necessitam de aprender; c) o desejo de mudança; e d) o estabelecimento de compromissos e a definição de metas a atingir. (REIS, 2008, p. 18).

A escrita, para a professora Aline, além de uma forma de expressão, converteu-se a uma possibilidade de emancipação. A reflexão de si mesma possibilitou uma resignificação de saberes e valores através da desconstrução e reconstrução de novos sentidos que redirecionaram a sua trajetória docente.

Para Larrosa (1998, p. 38): “quando contamos nossas histórias e experiências para os outros, de forma escrita ou oral, elas deixam de ser somente nossas, pois passam a fazer parte da vida do outro”. Então, as narrativas fornecem a junção das vidas do narrador e do ouvinte que, ao compartilhar dos relatos do narrador, pode tanto reinterpretá-los, quanto recriá-los consoante às suas próprias formas de pensar, sentir e agir.

Para a pesquisadora Inês Ferreira de Souza Bragança (2008)

As narrativas não descrevem apenas a realidade, são produtoras de conhecimento individual e coletivo e, no caso dos professores/as, potencializam os movimentos de reflexão sobre as próprias experiências, teorias e práticas. O saber da experiência assume centralidade, envolvendo as diversas dinâmicas formativas ao longo da vida e também os movimentos em direção ao futuro. (BRAGANÇA, 2008, p. 75).

Assim, o narrador-professor, ao contar sobre algum acontecimento da sua trajetória profissional, faz mais do que registrar esse acontecimento, altera também as formas de se pensar e agir, refletindo numa atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional através da construção dessa narrativa. Desta maneira, explicita os conhecimentos pedagógicos construídos por meio de suas experiências, permitindo a sua análise, discussão e possivelmente reformulação.

### **Considerações finais**

Durante as últimas décadas a educação passou a conceber, de forma crescente e significativa, a importância da narrativa como uma metodologia de investigação e de desenvolvimento profissional, na qual o professor narra determinada situação, ao mesmo tempo em que é capaz de compreender suas causas e consequências, e a partir dela, criar estratégias num processo de reflexão, investigação e nova reflexão.

A narrativa é, portanto, considerada um processo de formação que evidencia a relação investigação/formação colocando em confronto saberes diferenciados, provenientes de modos de vida que refletem aprendizagens personalizadas. Constitui-se de situações que

envolvem uma carga emotiva intensa e que trazem à memória as emoções positivas ou negativas para o sujeito que as vivenciou. A narrativa representa, assim, momentos decisivos para mudanças e transformações.

As narrativas de formação compõem-se, portanto, de recordações consideradas pelos narradores como experiências significativas das suas aprendizagens, análises da sua evolução nos caminhos socioculturais e das representações que construíram de si mesmos e do seu ambiente humano natural.

Na formação inicial e contínua de professores, o uso de narrativas possibilita a construção de inúmeros olhares, fruto de um processo constante de reflexão e reconstrução dos fatos vivenciados. Constitui-se numa aprendizagem experiencial ao colocar o sujeito numa prática subjetiva e intersubjetiva do seu processo de formação, tramada nas experiências e aprendizagens ao longo da vida e que registradas no texto narrativo propiciam o exercício da autorreflexão, compreensão e análise da dimensão pessoal e profissional.

Em síntese, a narrativa formativa permite, a partir da reflexão que a envolve, construir o conhecimento sobre a docência em uma visão mais ampla e profunda. Nela encontra-se o sentimento, a (re)significação e o sentido das histórias trazidas por meio da voz de seus protagonistas, os professores.

### Referências

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Histórias de vida e formação de professores/as: um olhar dirigido à literatura educacional. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2008.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. São Paulo: Artmed, 2002.

CARTER, Kathy. The place of story in the study of teaching and teacher education. **Educational Researcher**, Washington, v. 22, n. 1, p. 5-12, 1993.

CHAPMAN, O. Narrative and teacher-student relationships. In: **Conference on teachers stories of life and work: the place of narrative in personalprofessional development**, 1992, Liverpool. Paper... Liverpool: University of Liverpool, 1992.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

*Educação, formação de professores e universidade: Brasil e suas propostas*

DA SILVA, Renan Antônio; DEMO, Pedro Demo; DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília. Vieses manhosos de uma academia que acha não os ter. **REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA**, v. 13, n. 29, p. 32-65, 2021.

DERMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Das histórias de vida às histórias de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.); Dirceu Castilho Pacheco et al. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro, 2008.

ELBAZ-LUWISCH, Freema. O ensino e a identidade narrativa. **Revista de Educação**, Lisboa, v. 11, n. 2, p. 21-33, 2002.

GALVÃO, Cecília. Professor: o início da prática profissional. Universidade de Lisboa, Lisboa (POR), 1998.

JOSSO, Marie Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/ Ministério da Saúde, 1988.

LABOV, William; Waletzky, Joshua. Narrative analysis. In: HELM, J. (Ed.). **Essays on the Verbal and Visual Arts**. Seattle: U. of Washington Press, 1967.

LABOV, William. Some Further Steps in Narrative Analysis. **Journal of Narrative and Life History**. v. 7, n. 1-4, p. 395-415. 1997. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Some-Further-Steps-in-Narrative-Analysis-Labov/2031b9c8fdc53367ff3e82005881aeec61af3460>. Acesso em: 19 abr. 2022.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo. **Histórias de leitura em narrativas de professoras**: uma alternativa de formação. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 2000.

PRESKILL, Stephen.; JACOBVITZ, Robin. **Stories of teaching**: A foundation for educational renewal. Upper Saddle River: Merrill Prentice Hall, 2001.

REIS, Pedro. **A escola e as controvérsias sociocientíficas**: Perspectivas de alunos e professores. Lisboa: Escolar Editora, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.); Dirceu Castilho Pacheco [et al]. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro, RJ: Quartet: FAPERJ, 2008.

SCHÖN, Donald Alan. (1998). **Educando o Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed Editora.

STEPHENS, John. **Language and ideology in children's literature**. New York: Longman Publishing, 1992.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Menezes, Vera Lucia. **A pesquisa narrativa: uma introdução**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lang=pt#>. Acesso em 10 abri. 2022.

WITHERELL, Carol; NODDINGS, Nel. (Ed.). **Stories lives tell: narrative and dialogue in education**. New York: Teachers College Press, 1991.

## Notas

[1] Informação fornecida pela professora Luciana durante a aula de uma disciplina de PPGPP – UECE.

[2] Informação fornecida pela professora Aline durante a aula de uma disciplina de PPGPP – UECE.

**Financiamento:** Esta pesquisa foi financiada pelo CNPQ, CAPES e FAPEAM, conforme Decisão 001/2022 do PPGE – UFAM.

## Sobre os autores

### Renan Antônio da Silva

Docente Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (Orientador de Mestrado e Doutorado) na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi Docente Visitante no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Realizou diversos estágios pós- doutorais pelo Brasil e Exterior. Doutor em Educação Escolar (2018) pela UNESP/ Araraquara. Realizou o Estágio Doutoral com bolsa CAPES/PDSE, junto ao Centro em Investigação Social (CIS) pelo Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE - Portugal (2015-2016). Mestre em Desenvolvimento Regional e Políticas Públicas (2014). Licenciado em Ciências Sociais (2011). Publicou mais de 130 artigos científicos e 14 livros. Pesquisa financiada pela FUNCAP. E-mail: [renan@doutorrenan.com.br](mailto:renan@doutorrenan.com.br)  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1171-217X>

### Maria Cecília de Souza Minayo

Pesquisadora 1A produtividade do CNPQ. Possui graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978), graduação em Ciências Sociais - City University of New York (1979), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985) e doutorado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (1989). Desde 1997 é editora científica da revista *Ciência & Saúde coletiva* da Associação Brasileira de Saúde Coletiva e pesquisadora titular da Fundação Oswaldo Cruz. Tem experiência na área de Saúde Pública, com ênfase em Saúde Coletiva, atuando como professora, pesquisadora e orientadora principalmente nos seguintes temas: metodologia de pesquisa social, metodologia da pesquisa social em saúde pública, violência e saúde, causas externas, violência, violência autoinfligida, saúde coletiva e saúde e sociedade. Já orientou 69 teses e dissertações, publicou 218 artigos científicos publicados, 204 capítulos de livros e 40 livros sendo 7 individualmente e 34 como organizadora e em colaboração. É Editora chefe da Revista *Ciência*

*Educação, formação de professores e universidade: Brasil e suas propostas*

& Saúde Coletiva. É membro do conselho editorial de 14 revistas científicas, sendo 4 estrangeiras e desde 2013 é Editora Regional da Revista Environmental Health Perspectives. Tem vários prêmios por seus méritos na área de saúde dentre eles o de "Medalha de Mérito da Saúde "Oswaldo Cruz" conferido pelo Ministério da Saúde em 2009 e o Prêmio de Direitos Humanos em 2014 conferido pela Presidência da República.

E-mail: [minayocecilia@gmail.com](mailto:minayocecilia@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6187-9301>

**Felipe Freitas de Araújo Alves**

Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Mestre em Direito pela Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP. Pesquisador líder no grupo de pesquisa GEPECUMA - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura, Memória e Arte (UNESP/UECE/PUC-SP/CPS/FIOCRUZ/UnB/ Universidade de Coimbra e University of Warwick). Membro da Sociedade Psicanalítica Sigmund Freud de São Paulo (SPSIG).

E-mail: [felipe.jhs@hotmail.com](mailto:felipe.jhs@hotmail.com) Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5844-0485>

Recebido em: 30/01/2022

Aceito para publicação em: 20/04/2022